



Raphael: o importante é mudar a lógica dos bancos

US\$ 21 bi já se foram

O Brasil já remeteu para o Exterior, desde a posse do presidente Sarney, nada menos do que 21 bilhões de dólares a título de pagamento de juros da dívida externa. No total, mais de 50 bilhões de dólares já foram enviados para fora com a finalidade de cobrir os juros. Esses cálculos são do ministro da Previdência, Raphael de Almeida Magalhães, que só vê uma saída para o País: quebrar a lógica dos bancos internacionais.

"Esta é a oportunidade que nós temos e não podemos perdê-la", afirma o ministro, referindo-se à decisão de suspender o pagamento de juros. Mas os acenos que estão vindo dos bancos credores enquadram-se perfeitamente dentro de sua lógica própria. Caso fossem aceitos pelo governo brasileiro representariam uma volta à estaca zero.

A disposição dos credores — aparentemente apoiados pelos governos dos países industrializados — é para oferecer ao Brasil empréstimos-ponte, destinados a superar a crise atual. Seriam créditos de curto prazo, que serviriam apenas para aliviar o problema agudo surgido com a redução dos superávits da balança comercial.

Raphael de Almeida Maga-

lhães explica que mesmo essa concessão, a abertura dos empréstimos-ponte, viria acompanhada de condicionais, ou seja, de exigências a serem cumpridas para sua efetivação. E essas condicionais seguramente seriam semelhantes às antigas fórmulas do Fundo Monetário Internacional: corte de investimentos, redução dos salários para que haja excedentes exportáveis e assim por diante.

"Em outras palavras", comenta o ministro, "nós estaríamos agindo uma vez mais dentro da lógica dos bancos". Teríamos o empréstimo-ponte, deixaríamos de aparecer como inadimplentes, mas recomençaria a ciranda da dívida outra vez, exatamente como era antes da suspensão dos pagamentos.

O mais importante, na sua opinião — e na opinião do Planalto — é quebrar essa lógica. "Nós nos comportamos como país exportador de capital, ao remeter todos esses recursos para fora, o que é um absurdo", diz Raphael Magalhães. Afinal, seria um país em desenvolvimento, um país do terceiro mundo, remetendo sistematicamente o produto de seu trabalho para nações desenvolvidas, industrializadas.